

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: SIGNIFICAÇÕES ATRIBUÍDAS POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE MANAUS

DANIEL CERDEIRA DE SOUZA¹

IOLETE RIBEIRO DA SILVA²

EDUARDO JORGE SANT'ANA HONORATO³

RESUMO

Relacionamentos abusivos são aqueles permeados por violências de forma institucionalizada. Objetivamos compreender as significações atribuídas por um grupo de jovens acadêmicos de Manaus a um relacionamento abusivo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde realizamos um grupo focal com oito participantes e oito entrevistas individuais semiestruturadas. Os dados foram analisados através da análise de núcleos de significação. Como resultados, construímos quatro núcleos de significados, a saber: 1º) Ciúmes; 2º) Comportamento Controlador; 3º) Violências; 4) Vivências da Vítima, que mostraram que as normas de gênero sustentam uma relação violenta, que é mediada pelo ciúme, comportamentos de controle e tentativas de isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: VIOLÊNCIA DE GÊNERO, JOVENS, UNIVERSIDADE

¹ Doutor em Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil. E-mail: dancerdeira01@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília; Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Brasil. E-mail: iollete.silva@gmail.com

³ Doutor em Saúde Pública pela Fiocruz IFF-RJ. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Brasil. E-mail: eduhonorato@hotmail.com

RELACIONES ABUSIVAS: SIGNIFICACIONES ATRIBUIDAS POR JÓVENES UNIVERSITARIOS DE MANAOS

RESUMEN

Las relaciones abusivas son aquellas permeadas por la violencia de manera institucionalizada. Nuestro objetivo es comprender las significaciones que un grupo de jóvenes académicos de Manaus atribuye a una relación abusiva. Se trata de una investigación cualitativa, donde realizamos un grupo focal con ocho participantes y ocho entrevistas individuales semiestructuradas. Los datos se analizaron mediante el análisis de núcleos de significado. Como resultado, construimos cuatro núcleos de significados, a saber: 1º) Celos; 2º) Controlar la conducta; 3º) Violencia; 4) Experiencias de la persona victimizada, que mostró que las normas de género sustentan una relación violenta, la cual está mediada por celos, conductas de control e intentos de aislamiento social.

PALABRAS CLAVE: VIOLENCIA DE GÉNERO, JOVEN, UNIVERSIDAD

ABUSIVE RELATIONSHIPS: MEANINGS ASSIGNED BY MANAUS UNIVERSITY YOUNG PEOPLE

ABSTRACT

Abusive relationships are those permeated by violence in an institutionalized way. We aimed to understand the meanings attributed by a group of young academics from Manaus to an abusive relationship. It is qualitative research. We carried out a focus group with eight participants and eight individuals using a semi-structured interview. Data were analyzed through the analysis of meaning cores. As a result, we built four nuclei of meanings: 1st) Jealousy; 2nd) Controlling Behavior; 3rd) Violence; 4) Experiences of the Victim, which showed that gender norms sustain a violent relationship, which is mediated by jealousy, control behaviors, and attempts at social isolation.

KEYWORDS: GENDER VIOLENCE, YOUNG, UNIVERSITY

INTRODUÇÃO

A violência nas relações afetivas tem fins de dominação, controle e opressão e é vivenciada de maneira singular, pois vai depender de como cada parceiro subjetiva-se e subjetiva o outro na relação. Dessa forma, entende-se como relacionamento abusivo, aquele em que há a presença da violência de maneira naturalizada, cotidiana e institucionalizada, sendo sustentado pela violência de gênero, que é caracterizada por qualquer ato que resulte em dano através do abuso de poder, numa relação pautada em assimetria entre os gêneros (Oliveira, 2014).

O relacionamento abusivo é permeado pelo excesso de controle que um parceiro tenta exercer ou exerce sobre o outro. Esse movimento pode fazer com que um parceiro se torne um tipo de refém dentro da relação, por meio de um monitoramento que é constante no intuito de isolar o parceiro oprimido somente para aquele que oprime (Paiva & Figueredo, 2003).

A partir disso, o objetivo dessa pesquisa foi compreender as significações de um relacionamento abusivo para um grupo jovens acadêmicos da cidade de Manaus, tendo natureza qualitativa, onde a condição objetiva chamada «relacionamento abusivo» se torna compreensível por meio de questões subjetivas (Gunther, 2006). Significados são conceitos sociais construídos na relação que o sujeito mantém com o meio em que está inserido, sendo compartilhados por um grupo, funcionando como uma perspectiva coletiva (Bock & Gonçalves, 2009).

Nesta pesquisa, considera-se jovem, pessoas que possuem idade entre 15 e 29 anos, de acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Fugimos dos reducionismos que consideram o a juventude como um estado influenciado por parâmetros biológicos comuns a todos e dessa maneira, a encaramos como um momento integrador entre sujeito e ambiente histórico, onde os jovens são entendidos como sujeitos que representam e apresentam suas próprias questões

para além das expectativas sociais, rompendo com a ideia de que a juventude é um período de natural de crise, antes, compreendendo esse período como um momento rico em possibilidades (Spink, 2010). Os jovens protagonizam vários processos de inserção social, tais como a participação política e cultural, o ingresso na universidade e no mercado de trabalho, bem como a vivência sexualidade e relacionamentos afetivos (Mandelli, Soares & Lisboa, 2011; Lopes, 2009; Silva, Paiva & Parker, 2013).

Sendo o contexto da pesquisa a juventude universitária, cabe a reflexão de os jovens tem ingressado cada vez mais cedo na universidade (Louro, 2000). O espaço universitário agrega jovens de realidades distintas, em um processo de diversidade que não se limita ao campo socioeconômico, mas também às questões étnico-raciais, religiosas, sexuais etc. (Anacleto, Galliciano & Filho, 2013).

A formação na universidade representa um período de várias experiências, vez que esta é compreendida não somente como um lugar de apropriação de conhecimento técnico-científico, mas também um dos campos de construção e expressão de subjetividades e formação humana integral. É lugar de convívio social marcado por encontros e desencontros, pelo construir e reconstruir de histórias, dentre elas, os relacionamentos afetivos, que são vivenciados de diversas formas (Louro, 2000).

E é precisamente na juventude que se podem exacerbar as diferenças entre as significações de gênero, consolidando-se a aceitação da violência como uma versão do amor ou como «aceitável» em certas circunstâncias (Beserra et al., 2016; Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). O abuso presente nas relações afetivas é muitas vezes silencioso e contribui para o exercício de um domínio que afeta a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida por atingir sua autoestima e seu senso de autovalorização (Levy & Gomes, 2008). Uma pesquisa com jovens cariocas, entrevistados em 2006, afirma que cerca de metade dos

jovens do sexo feminino relatou alguma forma recente de violência no relacionamento, incluindo qualquer vitimização (32%), qualquer perpetração (40%), e ambos, vitimização e perpetração (22%) (Oliveira, 2014).

Oliveira (et al., 2016), em pesquisa realizada em 10 capitais brasileiras, dentre elas, Manaus, encontrou resultados que sugerem a presença da violência na intimidade de jovens que envolvem humilhações e violência física. Cecchetto (et al., 2016), ao investigarem como homens adolescentes percebem a violência na intimidade em algumas cidades brasileiras, incluindo Manaus, relatou que é padrão social homens utilizarem da violência contra mulheres desde a infância/adolescência, e na pesquisa, as violências encontradas foram: agressões físicas ou sua ameaça, maus-tratos psicológicos, abusos ou assédios sexuais.

Em uma outra pesquisa realizada em jovens universitários de 32 nações, incluindo o Brasil, 19,9% relataram a perpetração de violência física contra os seus parceiros, 21, 8% meninas e 17,4% meninos. Para violência psicológica, a prevalência de perpetração foi de 82,8%, sendo 80,6% no sexo feminino e 85,6% no sexo masculino, 17% a 49% deles relataram ter agredido fisicamente o parceiro no último ano, com média de 29%. A prevalência de agressões físicas mais severas, como esmurrar, estrangular e agredir com armas foi em média 10% (Barreira, Lima & Avanci, 2013). Observando a dimensão que a violência pode alcançar, percebe-se que é algo que faz parte do cotidiano e que não representa apenas uma ameaça externa, mas que também adentra o espaço das relações afetivas entre jovens (Silva & Sanches, 2014), merecendo assim, atenção das ciências.

1. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa é resultado de uma dissertação de mestrado em Psicologia, na linha de Processos Psicossociais do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, apresentada como qualitativa, possuindo como elemento primordial o olhar criativo do pesquisador para a construção do conhecimento, sendo interpretativa na tentativa de entender os fenômeno do relacionamento abusivo em termos dos significados que jovens universitários a ele conferem (Creswell, 2010; Gunther, 2006). Esse tipo de pesquisa se mostra um recurso adequado ao objetivo da pesquisa, pois nessa perspectiva, os significados são a base da realidade social.

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Amazonas. Ela foi criada pela Lei Federal 4.069-A, de 12 de junho de 1962, porém se instalou três anos depois, em 17 de janeiro de 1965 e só recebeu a denominação de Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por disposição da Lei nº. 10.468, de 20 de junho de 2002. Escolheu-se uma universidade para a realização da pesquisa por que este é um local de encontro de diversidades, de aquisição de papéis sociais e afins (Corrochano, 2013). Esta tem um papel fundamental no desenvolvimento histórico do jovem, educando-os para desempenhar a autoridade social e política, transcendendo questões como economia e trabalho, formando sujeitos sociais críticos (Giroux, 2010).

Os participantes foram 16 acadêmicos de nível de graduação da instituição. Participaram da pesquisa duas pessoas que se intitulavam do gênero masculino e quatorze que se intitulavam do gênero feminino. Somente uma participante estava em uma relação estável monogâmica, todos os outros identificavam-se como solteiros (mas quando em relações íntimas, também tinham a monogamia como norteadora) e somente um participante se definia como homossexual, todos os outros identificavam-se como heterossexuais. Os

cursos de graduação dos participantes distribuíam-se entre as áreas de humanas, exatas e saúde.

Como critérios de inclusão, adotamos as seguintes medidas: Ser acadêmico de algum curso de graduação da UFAM e ter idade entre de 18 e 29 anos. Para os critérios de exclusão, dispusemos: se, durante a pesquisa, decidir não participar mais da mesma e se após a coleta de dados, decidir retirar seus dados. A escolha dos participantes ocorreu de maneira em que o pesquisador adentrou as salas de aulas da universidade e apresentou a pesquisa e os objetivos, fazendo o convite aos acadêmicos. Aquelas pessoas que, de maneira voluntária se dispuserem a participar e atenderam aos critérios de inclusão, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para a assinatura, comprovando que estavam cientes da pesquisa e seus objetivos.

Os participantes receberam pseudônimos para a preservação de sua identidade, sendo elencados de P1 (participante 1) até P7 (participante 7) e os participantes das entrevistas semiestruturadas receberam nomes de flores. Ao lado da identificação, acrescentou-se o gênero da pessoa, nas referências M para homens e F para mulheres, exemplo: P1(M) = Participante 1 masculino.

Para coletar dados, foi utilizado o Grupo Focal (GF) e entrevistas semiestruturadas individuais. O GF é uma técnica que supõe a obtenção de dados a partir de uma entrevista em grupo (Gatti, 2005). Participaram do GF oito pessoas, três do gênero masculino e cinco do gênero feminino, reunidos no laboratório de desenvolvimento humano e educação da Faculdade de Psicologia (FAPSI) da UFAM. A reunião teve duração de uma hora. Aliado ao grupo focal, foi utilizado a entrevista semiestruturada com outros 8 participantes que não se sentiram confortáveis em participar do GF ou que não puderam participar por questões de agenda. A entrevista semiestruturada corresponde a um instrumento em que o pesquisador tem tópicos a cumprir, mas as questões precisas e sua ordem não são fixadas, permite-se que elas sejam desenvolvidas no diálogo com

o entrevistado (Creswell, 2010). As entrevistas tiveram duração de 40 minutos e ocorreram em uma sala privada no Centro de Serviço em Psicologia Aplicada da FAPSI. Foi utilizado um roteiro de entrevista que correspondeu aos temas que foram discutidos no GF. A coleta foi finalizada por conta da saturação dos dados, que Minayo (2017), refere-se a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado.

Os dados colhidos foram analisados a partir da análise de núcleo de significação, que é uma proposta construtiva e interpretativa específica para significados (Aguiar & Ozella, 2013; Aguiar, Soares & Machado, 2015), realizada em algumas fases, sendo: 1º fase: A transcrição e leitura dos dados colhidos, visando levantar os temas/conteúdos que se destacaram. Na 2ª fase, as palavras serão significadas em seu contexto. Os temas serão aglutinados seguindo os critérios de semelhança, complementaridade e contraposição e a 3ª fase corresponde a inferência e sistematização dos núcleos de significação, buscando se aproximar dos significados construídos pelos sujeitos. Foram observados os critérios éticos estabelecidos na Resolução CNS 466/12 e CNS 510/2016 sobre pesquisas com humanos. O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, sendo seu CAAE: 79529417.3.0000.5020. Informamos ainda que a pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, no formato de bolsa de mestrado por demanda social.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atingir o objetivo da pesquisa a partir dos dados coletados, foi possível aglutinar indicadores e destes, surgiram (5) núcleos de significação: a saber: 1º) Ciúmes; 2º) Comportamento Controlador; 3º) Violências; 4º) Vivências da Vítima, que serão apresentados a seguir. A organização dos núcleos é exemplificada logo abaixo:

QUADRO 1. PRÉ-INDICADORES E INDICADORES DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Pré-indicadores	INDICADORES
É uma pessoa ter o controle da outra.	1. Controle das ações do outro
Você tem horário para chegar em casa.	
Me vi ali dentro de uma coleira.	
Me controlava contornando as conversas.	
É como se uma pessoa quisesse se tornar dona da outra.	
A falta de liberdade que fica na relação.	2. Falta de Liberdade
Quando eu ia pra algum canto, ele já falava que eu não podia isso e aquilo.	
Eu não tinha liberdade pra sair.	
Elas só podiam fazer atividades que o parceiro (a) queria.	
Cê não tem uma liberdade pra falar tudo o que você pensa, tudo que você quer.	
Pra qualquer atitude tinha que pisar em ovos.	
Tem que ter cuidado com o que faz ou diz.	
A falta de liberdade que fica na relação.	3. Retaliações
Caso não se sujeite, vai acontecer uma briga entre os dois.	
Ela fala pra outra pessoa que vai sair e ela pira com isso e começa a ter uma briga séria.	
Ele ameaçou de terminar o relacionamento caso eu saísse com uma amiga minha.	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No quadro 2, exemplificamos a construção de um núcleo de significação:

QUADRO 2. EXEMPLO DE INDICADORES E NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO

Indicadores	Núcleo de significação
Controle das ações do outro	COMPORTAMENTO CONTROLADOR
Falta de Liberdade	
Retaliações	

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

2.1 NÚCLEO Nº 1: CIÚMES

Neste núcleo, organizamos três indicadores, sendo: Ciúme como fator de risco; Ciúmes e redes sociais e Ciúme como método de defesa.

Ciúme como fator de risco

O ciúme apareceu amplamente relacionado com o risco de vivenciar várias formas abusos na relação, funcionando como um mediador entre o afeto e a violência, como relatado na fala de Margarida (F): Durante uma briga por conta de ciúmes, em meio a inúmeras ameaças, eu perguntei se ele me amava, pra estar fazendo aquilo. Ele me respondeu: é que eu é que quero te dar amor, se eu não posso, ninguém mais pode.

A atitude de possessividade do parceiro pode levar a tentativa de aprisionamento do outro, pelo temor que o ciumento tem de que seu parceiro seja mais forte e que possa viver sem ele (Seo, 2006) e mais do que isso, a fala de Margarida também aponta pra normas de gênero que prezam pelo aprisionamento da mulher na relação.

O ciúme acabou por desgastar a relação e criar um clima de tensão entre os parceiros, como relatado por Girassol (F): Quando você sente ciúme, você

sufoca tanto a pessoa, que você não dá o espaço dela. Segundo Flake, Barros, Schraiber e Menezes (2013), nos relacionamentos monogâmicos, as pessoas tendem a ter, um desejo de exclusividade e possessividade perante o parceiro amoroso, num sentido de direito de propriedade e mesmo sendo considerado o «tempero do amor», o ciúme também está no linear da violência, onde por conta dele, pode-se tentar afastar o parceiro de todas as pessoas percebidas como rivais, como mostra a fala de Flor de Lis (F): O ciúme que está no relacionamento abusivo é aquele de tentar impedir o parceiro de falar com outras pessoas.

Ciúmes e redes sociais

As redes sociais apareceram como um fator relacionado ao ciúme. Observemos a fala de Margarida (F): O cravo tinha bastante ciúmes... tipo ele via meu celular e começou a bloquear meu ex escondido e eu não sabia. Ele entrava no meu instagram, no facebook escondido e bloqueava. As redes sociais funcionam como um ambiente cotidiano social e nesse sentido, pessoas envolvidas em um relacionamento podem usar da rede para ter, paralelamente, uma aproximação com outros parceiros potenciais. O ciúme é provocado e piorado com a ajuda dos recursos tecnológicos, o que tem chamado a atenção das pesquisas, visto que em um mundo cada vez mais conectado, jovens estão cada vez mais expostos a internet (Canezin & Almeida, 2015).

Ciúmes como método de defesa

O ciúme evolui como uma defesa, uma resposta às ameaças da possível infidelidade e do possível abandono por parte de um parceiro (Seo, 2006). Observemos a fala de P1 (F): Ele acaba tendo ciúme possessivo até demais, então, quando ela passa por um homem qualquer, ele puxa ela e fala: você não pode

olhar pra ele, você não deve falar com ele. Novamente a fala aponta para normas de gênero em que a mulher pode ser percebida como propriedade do homem. Além do mais, as normas de gênero fazem a infidelidade ser considerada uma afronta a honra masculina, o que, aliada ao significado de pertença feminina ao homem, pode justificar o ciúme e os comportamentos violentos.

2.2 NÚCLEO Nº 2: COMPORTAMENTO CONTROLADOR

Neste núcleo, organizamos três indicadores, a saber: Controle das ações do outro; Falta de liberdade; Retaliações.

Controle das ações do outro

As tentativas de controle que os parceiros tentam exercer sobre o outro perpassam diversas esferas e foram amplamente relatados: Relacionamento abusivo é uma pessoa ter o controle da outra (P7 F). É como se uma pessoa quisesse se tornar dona da outra, controlando tudo (P1 F). Tais falas corroboram com Murta et al. (2013), ao explicar que uma questão marcante nos relacionamentos abusivos são as excessivas tentativas de controle que um parceiro tenta exercer sobre o outro, no objetivo de isolá-lo para si.

O comportamento controlador não envolve exclusivamente comportamentos violentos, mas pode se dar também de maneira discreta: São coisas que são sutis mas que acabam sendo atos de controle e repressão (P6 F).

O controle teve o objetivo de manter a pessoa dentro do relacionamento, ao mesmo tempo que desarticula possibilidades de saída do mesmo, como relatado por Petúnia (F): Por que dentro de um relacionamento abusivo, é muito importante manter o parceiro, então tem essa necessidade de

manipular o outro pra que ele fique nesse limiar entre estar no relacionamento e não sair do relacionamento.

Outra fala demonstra uma relação que prioriza as vontades de um sobre o outro, principalmente no que diz respeito a liberdade dentro da relação. Essa questão apareceu de duas formas distintas, sendo a liberdade de ir e vir: Eu não tinha liberdade pra sair, o que ele gostava de fazer (Rosa Branca M), e uma proíbe que ela saia com os amigos, proíbe que ela vá pra outro lugar sozinha, ou mesmo conhecer ou só porque quer [sair para] pensar (P4 M). As proibições funcionam como um dispositivo que garanta a disponibilidade integral do parceiro dentro da relação.

Houve a dificuldade de socializar com outras pessoas, pois as proibições foram constantes, como mostra a fala de P4 (M): [o parceiro] proíbe que socialize com as pessoas. Quando um dos parceiros exerce alguma atividade sem o parceiro controlador, o controle é exercido mesmo de longe, como relatado por P1 (F): Sempre que eu ia pra algum canto, ele já falava que eu não podia isso, não podia aquilo.

Os dados aqui expressados corroboram com Guareschi Mattes e Facco Rocha (2016), ao discutirem que os comportamentos controladores muitas vezes evidenciam o sentido de subordinação feminina, pois, de todos os relatos nesta pesquisa, apenas o de Rosa Branca e P4 são relatos masculinos. A subordinação feminina foi algo fortemente presente nas entrevistas. Bourdieu (2011), explica que a dominação masculina ocorre de maneira sutil e simbólica nas práticas cotidianas, que subjagam o feminino de forma naturalizada e fazem as mulheres voltarem suas atenções em direção a satisfação masculina para a manutenção da relação.

Ainda observa-se que as atitudes de controle aqui se manifestaram-se em consonância com Krug et al. (2002) e Coelho (2018) ao explicarem que o

controle nas relações afetivas é tido desde as questões mais sutis, perpassando por proibições de atividades do dia a dia e exigência de explicações e relatórios constantes sobre o que estão fazendo e com quem estão.

Falta de liberdade

A questão da liberdade também apareceu como forma de expressão/repressão. Como mostra a fala de P4(M): Cê não tem uma liberdade pra falar tudo o que você pensa, tudo que você quer. Ali você tem que ter um certo limite pras coisas que você vai falar. Tal significado é corroborado por Flor de Lis (F): pra qualquer atitude tinha que pisar em ovos, tinha que ter cuidado com o que se faz ou diz.

As falas acima se aproximam da situação de tensão relatada por diversos autores no que diz respeito ao ciclo da violência nos relacionamentos abusivos. Ocorre entre o casal um aumento progressivo do estresse por situações corriqueiras do dia a dia, onde a vítima precisa ter constantemente cuidado para evitar uma possível explosão do parceiro. Os desentendimentos são menores, mas constantes, e tem por objetivo manter a homeostase da relação através do controle (Lucena et al., 2016), como evidenciado na fala de Margarida (F): Qualquer palavra que eu falasse, ele ficava com raiva, a gente logo discutia, tinha muitas brigas.

As situações de controle, por terem o objetivo de manterem o «equilíbrio» perverso da relação, por si só já caracterizam uma forma severa de violência, porém essas situações também são anteriores aos processos de violência mais graves (Guareschi Mattes & Facco Rocha, 2016), ou seja, ocorreram retaliações quando as pessoas do grupo entrevistado não se submeteram ao controle do parceiro, como fala P7(F): Caso não se sujeite, vai acontecer uma briga, assim, entre os dois.

Retaliações

As retaliações em caso de não subjugação ao controle do parceiro dentro da relação também envolveram ameaças, como mostra P1 (F): Chegou o momento em que ele ameaçou de terminar o relacionamento caso eu saísse com uma amiga minha. Outro ponto foi o dar «gelo» no parceiro, como na fala de Rosa Branca (M): E houve uma vez que eu saí com meus amigos, falei que iria sair com eles e ele falou que não era pra eu sair e mesmo assim, eu fui pra um aniversário e quando eu voltei pra casa, ele não falou nada comigo e meio que me deu um gelo.

As retaliações também envolveram a possibilidade de infidelidade em resposta a não subjugação, ainda na fala de Rosa Branca (M): quando a gente foi conversar, ele falou que tinha saído também e falou que só saiu porque eu tinha saído com meus amigos e que se tivesse acontecido alguma coisa na festa (ele ter ficado com alguém) não era pra eu reclamar justamente por eu ter saído com meus amigos. Eu ter saído legitimava pra ele uma liberdade para a infidelidade.

Dado comum no discurso de vários participantes foi o isolamento social. Conforme o relacionamento ia se firmando e as práticas de dominação e controle se fortalecendo, os participantes se viram cada vez mais distantes do círculo social que frequentavam antes do relacionamento, observemos as falas: Rosa Branca (M): No primeiro ano foi o ano que ele conseguiu acima de tudo me isolar de todas as pessoas que estavam perto de mim, e ele todo carinhoso, todo engajado, foi o ano que ele me isolou.

O relato de Rosa Branca (M) também mostra a presença da violência nas relações homossexuais masculinas, contrariando os esteriótipos de essas relações serem igualitárias isentas de violência na intimidade. Na pesquisa de Santos e Caridade (2017), 92,3% dos participantes relataram a existência de pelo menos um comportamento violento no seu relacionamento íntimo, no decorrer do último

ano. Mais concretamente, 91,7% da amostra relatou ter sido vítima de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 92,3% admitiram a adoção deste tipo de conduta em relação a seu/sua parceiro/a, além de os comportamentos controladores também aparecerem de forma comum na pesquisa. Tais taxas podem ser comparáveis ou superiores às taxas observadas em relações heterossexuais.

Houve um progressivo esforço para isolar a vítima para si, mesmo que denegrindo a imagem dos amigos, conforme a fala de P3(F): Eu cheguei a me afastar de vários dos meus amigos. E essa era uma coisa que ele fazia também: Essa pessoa não serve pra ser sua amiga, você não precisa dela, olha só como ela é, não é uma pessoa pra estar com você, eu não quero você falando com essa pessoa e fui perdendo os amigos.

As tentativas de isolamento do parceiro para si remontam uma característica controladora que tenta manter a exclusividade da atenção do sujeito para o relacionamento. Outra forma de controle dentro da relação emergiu nos dados através da perseguição, conforme fala de Rosa Branca (M): Ele me perseguia muito. Ligava pra todos os meus amigos pra saber onde eu estava.

A partir disso, ter um relacionamento pode significar que não se deve ter sua sociabilidade distante de seu parceiro. Observe a fala de Rosa Branca (M): A gente tinha a mesma roda de amigos, antes da gente namorar, todo mundo era amigo, quando a gente começou a namorar, ele começou a me distanciar desses amigos... no final, eu percebi que eu estava sozinho. Eu não conseguia ver mais ninguém perto de mim a não ser ele, era tenso demais. As falas descritas corroboram com o que Krug et al. (2002) explicam, onde impedir que o parceiro veja os amigos funciona como um ato de controle proposital, malicioso e repetitivo. Sendo que o comportamento controlador se configura como uma consequência do ciúme, sendo também compreendido como uma forma de

violência, discutirei agora como este serve de base para outras formas de violência.

2.3 NÚCLEO Nº 3: VIOLÊNCIAS

Algumas violências emergiram em três indicadores: Psicológica; Moral e Física.

Violência Psicológica

A forma de violência mais recorrente no grupo pesquisado foi a violência psicológica. Barreira, Lima & Avanci (2013) diz que esta tende a ser muito mais prevalente do que a violência física nas relações entre jovens. Essa forma de violência é uma das mais difíceis de se identificar. Ela afeta a multidimensionalidade da vítima, sua invisibilidade deixa marcas causadas por sua frequência e a trivialidade com que é tratada desestrutura a identidade individual.

O uso de palavras como forma de agressão foi um dos dados mais presente na pesquisa, como mostra a fala de P5 (M): Palavras sabe, eu acho que é o que mais dói, por que fica na gente. A referida fala corrobora com Beserra et al. (2016), ao explicar que a violência verbal é uma extensão da violência psicológica e é a que mais ocorre nas relações entre os jovens. Mesmo ocorrendo de maneira frequente, ela é banalizada, porque é comum e aceitável em algumas situações. A violência verbal tem como ponto de partida os padrões de dominação e submissão entre homens e mulheres em diálogos, mas que as percepções de ofensa dependem do contexto: aquilo que é considerado ofensivo, para determinado interlocutor, em certa situação, pode não ser percebido da mesma forma em situação distinta (Balocco & Shepherd, 2017).

As ameaças também surgiram como forma de violência psicológica mais comuns dentro de um relacionamento abusivo e se manifestam principalmente em relação a tentativas de término. Observemos a fala de Margarida (F) [ao relatar o término do namoro]: Ele começou a me ameaçar, falava «se tu começar um relacionamento com qualquer pessoa, eu vou infernizar tua vida. Olha, eu vou te pegar, como é que vai ser? Por que a gente mora um pertinho da rua do outro. Eu vou passar na tua, e eu vou te vigiar a cada momento. A ameaça é uma forma de violência destinada a perturbar a liberdade psíquica e a tranquilidade da vítima, pela intimidação ou promessa de causar dano a alguém, futura ou imediatamente» (Prado, 2010).

A fala de Margarida (F) corrobora com Oliveira et al. (2011), quando esta explica que o momento em que as ameaças se fazem mais presentes no relacionamento é quando há a tentativa do término do namoro e muitas vezes são predecessoras das agressões físicas ou até mesmo de feminicídios.

Violência Moral

A violência psicológica apareceu aliada a violência moral na fala de Alecrim (F): meu ex me ignorava por dias se eu fizesse, ficava me chantageando se eu saísse, que ia falar mal de mim, que eu não prestava, que eu tava traindo ele. A fala de Alecrim (F) tipifica uma forma de violência descrita na Lei Maria da Penha, que é a Violência moral, compreendida como toda ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher (Carneiro & Fraga, 2012). Essa forma de violência, como um tipo de abuso psicológico através de agressões verbais ou gestuais tem como objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social (Coelho, 2018).

Violência Física

A violência física apareceu neste contexto, ainda que em grau menor que a violência psicológica na fala de Margarida (F): Ele já me agrediu fisicamente. Dizia que era brincadeira. Houve um dia em que ele veio ameaçar me dar um tapa e eu respondi: «olha você não faça isso por que eu nunca levei um tapa do meu pai, por que eu vou levar de você?» Aí morreu. Da outra vez, ele me deu um tapa leve, aí eu revidei com um tapa de verdade.

Flor de Lis (F) contribui para pensarmos na ocorrência de violência física dentro da relação: Os dois podem ser vítimas, geralmente quando uma pessoa tem uma conduta agressiva, tem uma outra que também é, pode acabar sendo mútuo os abusos. A pessoa pode acabar se vingando de outras formas.

Os dados encontrados nesta pesquisa corroboram com a noção da violência atravessando toda a relação em uma perspectiva mútua, com os papéis de agressor/vítima assumidos ora por um companheiro, ora por outro (Levy & Gomes, 2008; Alvim & Souza, 2005; Rosa & Falcke, 2014; Caridade & Machado, 2006), vale ressaltar a agressão física de autoria feminina sendo justificada por ser uma forma de revidar outra agressão vinda do masculino (Oliveira et al., 2016; Manuel, 2014).

2.4 NÚCLEO Nº 4: VIVÊNCIAS DA VÍTIMA

Reunimos aqui indicadores sobre como é viver um relacionamento abusivo.

Se doar demais

Este grupo de jovens informou a sensação de se doar demais no relacionamento, sendo que ao mesmo tempo, a recíproca não ocorria, ou o parceiro (a) recebia violência, conforme a fala de Alecrim (F): você sente que está dando muito e recebendo pouquíssimo em troca, ou então, o que você recebe é só agressão, é só coisas negativas no geral. Jasmim complementa a fala anterior: No relacionamento afetivo, eu achava que eu me doava bem mais que ele. A relação, nesse aspecto se torna uma forma de «sucção emocional» do outro. A vivência de um relacionamento abusivo implicou no investimento desproporcional de cada parceiro para a manutenção do relacionamento. Percebeu-se que as mulheres se esforçaram demasiadamente para manter a relação, enquanto poucos são os investimentos do parceiro, apontando para as categorias de gênero que estipulam a mulher como responsável pela relação (Coelho, 2018; Caridade & Machado, 2006).

Minhas necessidades são desconsideradas

Ao mesmo tempo em que a pessoa se doa de maneira excessiva para manter o relacionamento, houve uma desconsideração do parceiro perpetrador por suas dificuldades, necessidades e desejos:

P6 (F): Parecia que praticamente nada do que eu queria pra minha vida importava.

Alecrim (F): eu tenho depressão, e ele não respeitava isso, e me chamava de termos pejorativos, que eu era muito fraca, sensível.

Petúnia (F): Eu tenho uns problemas e ele não respeitava esses problemas, foi péssimo, ele forçava, não considerava que era problema, dizia que entendia, mas dizia que as necessidades dele eram mais importantes.

As falas apontam para a hierarquia de gênero e dominação masculina, onde a organização da relação voltava-se aos interesses masculinos e desprezo pelos interesses e necessidades femininas (Bourdieu, 2011; Coelho, 2018).

Vivências e sentimentos diversos

Diversas vivências dentro do relacionamento abusivo foram detectadas. A culpa e o medo se mostraram presentes nas vivências dos participantes da pesquisa: Margarida (F): Eu vivia com medo. Tal fala é complementada por P6: O medo presente nessa relação tá sempre aliado a culpa. O medo também te leva a não querer mais fazer algo somente pra não ter que passar por aquilo de novo (situação de violência).

O processo de culpabilização da vítima, principalmente da mulher é muito comum em relacionamento violentos. A cultura que responsabiliza a vítima pelas várias violências que esta sofre, é a mesma que dá benefícios ao homem autor de violência. A mulher ainda é vista como a única responsável pelo relacionamento, e caso aja a ruptura da relação, ela ainda é a culpada por isso também, sendo conotada como fracassada (Moura & Henriques, 2014).

Os parceiros que vivenciaram os abusos acabaram por se sentir sortudos em ter seu parceiro violento na relação, devido as várias formas de manipulação emocional, conforme P3 (F): A pessoa faz você achar que você tem sorte de tê-la, torna-se muito difícil você lidar com a racionalidade. A manipulação das emoções é comum dentro dos relacionamentos violentos, mas não há consenso na literatura sobre como ela ocorre, quando termina ou quando começa. Tudo vai depender de como os parceiros se subjetivam dentro da relação e do contexto em que a situação ocorre, mas é amplamente relatado o impacto emocional em mulheres dentro de relacionamentos violentos, onde fica difícil discriminar o que é violência e o que não é (Oliveira, 2014).

Percebendo o relacionamento abusivo

Destaca-se a dificuldade na percepção de se estar em uma relação violenta e a percepção da relação abusiva após seu fim, observemos a fala de P5 (F). A gente vê um relacionamento abusivo quando a gente já está fora dele porque quando a gente tá dentro dele, a gente fica acostumado com esse clima de tensão. Corroborando com a fala de P5 (F), Petúnia (F) nos ajuda a refletir: E aí tempos depois que eu terminei com ele, eu fui percebendo como funcionaram as coisas, só percebi que foi abuso depois que eu terminei.

A ajuda externa foi algo presente na percepção dos entrevistados, conforme fala de P5 (F). (O alerta) Sempre vai vir de terceiros, vão falar: não tá muito legal aí, tá acontecendo alguma coisa? Aí a gente começa a refletir pra se perceber, mas acho que a gente mesmo, é difícil. Rosa Branca (M) também relatou ajuda externa: eu fui conversar com um amigo que passava por umas situações complicadas que nem a minha com o namorado e ele tinha um relacionamento de cinco anos e a gente ficava conversando e trocando conselhos.

As falas apontam para o apoio social que de amigos como fonte de informação e acolhimento para lidar com os abusos dentro da relação. Oliveira (et al, 2016) discute a importância do apoio externo como forma de lidar com abuso na intimidade. O apoio de amigos é muito mais rápido que o apoio das políticas públicas, o que os torna uma fonte rápida de acolhimento emocional frente ao sofrimento.

A entrada na universidade foi algo que contribuiu para a percepção de se estar em uma relação violenta: Petúnia (F): Eu percebi depois que entrei na universidade e conheci o feminismo. Tal fala corrobora com a literatura quando Louro (2000) e Anacleto, Galliciano e Filho (2013) explicam que os jovens passam por inúmeras (re) estruturas sociais ao entrar no ensino superior, com impacto em todas as áreas de suas vidas.

A falta de conhecimento sobre o que é abuso dentro da relação afetiva foi algo que dificultou a percepção das pessoas de estarem em uma relação violenta, conforme fala de P3 (F): Eu acho que uma das formas de você perceber é ter o conhecimento sobre o que é um relacionamento abusivo. Eu me encaixo nisso? Você saber o que é o abuso, o que é estar em abuso é muito importante pra você conseguir sair disso.

Mesmo observando as características violentas, foi difícil para os entrevistados aceitarem estar em um relacionamento abusivo, principalmente mulheres: Orquídea (F): A gente observa as características da pessoa e não quer ver e o afeto atrapalha bastante. A fala de Alecrim (F) nos ajuda a entender melhor: Juntando as evidências não é difícil tu olhar ver que é um relacionamento abusivo, mas até eu cair em mim...

Novamente as falas apontam para as perspectivas de gênero, que ensinam a mulher a «aceitar» ser violentada dentro da relação, fazendo-a não perceber as violências como tal ou até mesmo aceitar que se encontra em uma relação violenta, além disso, a romantização das violências como aspectos de demonstração de afeto é um outro fator recorrente nas relações violentas (Souza & Da Ros, 2006).

Justificativas para a permanência no relacionamento

O envolvimento emocional aliado aos ganhos secundários emocionais e sociais surgiram como fatores que justificaram a permanência no relacionamento mesmo tendo a percepção das violências, conforme a fala de Flor de lis (F): quando as pessoas estão envolvidas emocionalmente, elas toleram algumas coisas que elas não tolerariam de outra forma. Porque é aquela pessoa e meio que ela tem um «passe-livre». E tem ganhos secundários, tipo... «ah, vou deixar pra lá por que nesse momento eu me sinto feliz», eu quero manter esse

relacionamento.

Girassol (F) também contribuiu explicando motivos que a fizeram permanecer no relacionamento abusivo: É uma questão mais de apego e você não delimitar seus limites e deixa levar, tô apaixonado e aquela pessoa pode me dar tudo, inclusive coisas ruins. De maneira geral, o envolvimento emocional dentro da relação foi decisivo para a permanência no relacionamento, mesmo com os casos de abuso. P6 (F). ...esse apego, essa afetividade foi o que me prejudicou em tomar essa decisão [de sair do relacionamento] mais rápido.

A dependência emocional também apareceu como justificativa da permanência no relacionamento violento: Rosa Branca (M): eu era muito dependente dele, era uma coisa muito horrível. Ele era o centro da minha vida..., se ele sumisse, eu não sabia o que fazer... Ele podia fazer o que quisesse, por que ele sabia que eu ia voltar atrás depois. Na fala de Alecrim (F), também percebemos outro aspecto de uma possível dependência emocional: Eu gostava muito dele. eu me liguei muito a ele porque eu só tinha a ele.

Tais falas corroboram com Souza e Da Ros (2006) quando os autores discutem que o envolvimento emocional muitas vezes é decisivo para a permanência no relacionamento e que algumas vezes, esse envolvimento afetivo evolui para a dependência emocional. A dependência emocional torna o rompimento do relacionamento muito difícil. A essência da dependência emocional nas relações amorosas não é amor, e sim medo de vir a ser abandonado (Bution & Wechsler, 2016; Sophia, Tavares & Zilberman, 2007).

Percebeu-se que era a vítima dos abusos que tentava manter o relacionamento de maneira mais preponderante: Rosa Branca (M): Nas brigas, ele vinha pra terminar e eu vinha pra tentar reatar. P6 (F) nos ajuda a entender melhor: Eu não terminava porque levava em consideração os problemas emocionais dele. Margarida (F) também contribui para a discussão: Eu tentei

manter de todas as formas a minha relação, mais por ele do que por mim.

A permanência feminina no relacionamento também esteve relacionada a tentativas de «mudar o parceiro», estereótipo típico do gênero feminino, como mostra a fala de Margarida (F):...eu acho que eu queria mudar o cravo, eu coloquei na minha cabeça «não, eu acho que posso incentivar ele a ler, a estudar, a um monte de coisas, a se vestir melhor, então eu tinha isso na minha, cabeça que eu podia mudá-lo». Truninger (1971) já na década de 70 postulava que uma das razões pelas quais as mulheres não rompem o relacionamento com os parceiros abusivos volta-se a questão da crença de que elas podem mudar seus parceiros. Essa perspectiva de uma mulher «salvadora» de homens, que vai «colocá-lo na linha», resultado dos esteriótipos de gênero contribui para cultura da permanência feminina no relacionamento violento. A mesma perspectiva de gênero cristalizada permanece até os dias atuais. Os dados encontrados corroboram também com o que explica Souza e Da Ros (2006), que postulam que os motivos que as mantêm em um relacionamento abusivo perpassam por pressupostos voltados a construção do gênero feminino, a convivência com o medo, a culpa e a dependência emocional, além de dependência financeira e submissão, sentimento de pena do parceiro, o tempo de relacionamento juntos e anulação de si durante o relacionamento.

3. CONCLUSÃO

De diversas formas, os participantes relataram a vivência de abusivos em seus relacionamentos, mostrando que a violência na intimidade de jovens é um problema social e que merece atenção das políticas públicas. Entendeu-se que um relacionamento abusivo pode não ter necessariamente a presença de violência física, mas as violências psicológicas foram preponderantes, e a principal marca de um relacionamento abusivo foi o comportamento controlador, muitas vezes

romantizado e entendido como cuidado e a violência teve como intenção de manter a assimetria de poder e prevenir o fim da relação.

Mesmo que a violência na intimidade de jovens possa não necessariamente iniciar na universidade, ela pode aumentar com a entrada nesse espaço. A pesquisa mostrou, corroborando com a literatura, que as relações de gênero dão base para a violência na intimidade e são previamente reguladas a partir e em benefício do gênero masculino, por meio da construção da imagem simbólica da mulher, como a de um ser humano «pertencente ao homem».

De maneira geral, viver um relacionamento abusivo envolve a convivência com o medo, e com e situações de tensão que podem não ser constantes, mas que trazem prejuízos em diversas esferas para as vítimas. Entendeu-se que existe toda uma complexidade no viver um relacionamento violento, não sendo tão simples sair do mesmo ou até mesmo perceber o que é ou não violência na intimidade. Tudo isso envolve para além de questões íntimas do casal, questões culturais que ditam como as relações devem ou não ser. Entendeu-se que a violência na intimidade é mais uma das demandas que jovens precisam lidar, mas destaca-se que a universidade, como campo de construção de conhecimento, pode auxiliar no enfrentamento a essa questão quando se posiciona e trabalha pela equidade entre os gêneros.

Como limitação do estudo encontra-se a questão de que a orientação sexual não foi explorada nas entrevistas, mesmo tendo um participante abertamente homossexual. Assim, além de se sugerir outras pesquisas sobre violência intimidade de jovens, sugere-se também outros recortes específicos voltados a violência nas relações homossexuais.

RECIBIDO: 16 DE DICIEMBRE DE 2021

ACEPTADO: 6 DE MARZO DE 2022

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. e OZELLA, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, 94(236), 299-322. <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjkqq4zjP/abstract/?lang=pt>
- AGUIAR, W. M. J., SOARES, J. R. e MACHADO, V. C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cad. Pesqui.*, 45(155), 56-75. <https://doi.org/10.1590/198053142818>
- ALVIM, S. F. e SOUZA, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicol. teor. prat.*, 7(2), 171-206. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v7n2/v7n2a07.pdf>
- ANACLETO, A. A. A., GALLICIANO, V. e FILHO, F. S. T. (2013). Relações de gênero, sexualidades e diversidades, um diálogo no espaço universitário. In: *Anais do Simpósio Internacional de Educação III*. Maringá. UEM. Paraná. http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-01.pdf
- BALOCCO, A. E. e SHEPHERD, T. M. G. (2017). A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA*, 33(4), 1013-1037. <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>
- BARREIRA, A. K., LIMA, M. L. C. DE E AVANCI, J. Q. (2013). Co-ocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciênc. saúde coletiva*, 18(1), 233- 243. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
- BESERRA, M. A. ET al. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Esc. Anna Nery*, 20(1), 183-191. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>
- BOCK, A. M. B. e GONÇALVES, M. DA G. M. (2009). *A dimensão da subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. Editora Cortez.
- BOURDIEU, P. (2011). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.
- BRASIL. (2013). *Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas*. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas.

- BUTION, D. C. e WECHSLER, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Est. Inter. Psicol.*, 7(1), 77-101. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006
- CANEZIN, P. F. M. e ALMEIDA, T. DE. (2015). O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando fam.*, 19(1), 142-155. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012
- CARIDADE, S. e MACHADO, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Aná. Psicológica*, 24(4), 485-493. <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/541>
- CARNEIRO, A. A. e FRAGA, C. K. (2012). A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. *Serv. Soc. Soc.*, (110), 369-397. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000200008>
- COELHO, E. B. S. (2018). *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CECCHETTO F., OLIVEIRA, Q. B. M., NJAINE, K. e MINAYO, M. C. S. (2016). Violence as perceived by adolescent males in the affective-sexual interaction, in ten Brazilian cities. *Interface (Botucatu)*, 20(59), 853-64. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>
- CORROCHANO, M. C. (2013). Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. *Avaliação (Campinas)*, 18(1), 23-44. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100003>
- CRESWELL, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- MOURA, L. C. e HENRIQUES, H. I. B. (2014). Aspectos sócio-histórico-culturais envolvidos no fenômeno de culpabilização de mulheres vítimas de violência. *Veredas Favip*, 7(2), 1-19. <http://blog.devrybrasil.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/248/296>
- FLAKE, T. A. ET AL. (2013). Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. bras. epidemiol.*, 16(4), 801-816. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000400001>
- GATTI, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*.

Líber Livro.

- GIROUX, H. (2010). Ensino superior, para quê? *Educ. revista*, (37), 25-38.
<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/18519>
- GUARESCHI MATTES, E. e FACCO ROCHA, N. (2016). *Adolescentes e os relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher*.
<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/15866>
- GUNTHER, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psic.: Teor. e Pesq.*, 22(2), 201-209.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
- KRUG, E. ET AL. (Eds.) (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization.
- LEVY, L. e GOMES, I. C. (2008). Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicol. clin.*, 20(2), 163-172.
<https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200012>
- LOPES, A. C. (2009). A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca. *Rev. bras. linguist. apl.*, 9(2), 369-390.
<https://doi.org/10.1590/S1984-63982009000200002>
- LOURO, G. L. (Org.) (2000). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Autêntica.
- LUCENA, K. D. T., DEININGER, L. DE S. C., COELHO, H. F. C., MONTEIRO, A. C. C., VIANNA, R. P. DE T. e NASCIMENTO, J. A. (2016). Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *Journal of Human Growth and Development*, 26(2), 139-146. <https://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119238>
- MANDELLI, M. T., SOARES, D. H. P. e LISBOA, M. D. (2011). Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arq. bras. psicol.*, 63, (spe), 49-57.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006
- MANUEL, S. C. G. (2014). *A violência no namoro entre jovens adultos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação para a Saúde. Universidade do Porto.
- MATOS, M., MACHADO, C., CARIDADE, S. e SILVA, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto

- escolar. *Psicologia: teoria e prática*, 8(1), 55-75.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000100005&lng=pt&tlng=pt.
- MINAYO, M. C. DE S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-12.
<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
- MURTA, S. G. ET AL. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicol. USP*, 24(2), 263-288.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>
- OLIVEIRA, Q. B. M. (2014). *Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde*. Tese (Doutorado)-Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, Q. B. M. ET AL. (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais. In M. C. de S. MINAYO, S. G. de ASSIS e K. NJAINE (Orgs.), *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do «ficar» entre jovens brasileiros* (pp. 87-139). Fiocruz.
- _____. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 32(3), e32323. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>
- PAIVA, C. e FIGUEIREDO, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psic., Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3838>
- PRADO, L. R. (2010). *Curso de Direito Penal Brasileiro: parte especial, arts. 121 a 249*. Revista dos Tribunais.
- ROSA, L. W. DA e Falcke, D. (2014). Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Rev. SPAGESP*, 15(1), 17-32.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000100003
- SANTOS, A. M. R. e CARIDADE, S. M. M. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Temas psicol.*, 25(3), 1341-1356.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

389X2017000300019

- SEO, K. T. (2006). *Manifestações de ciúme e suas consequências, na dinâmica de relacionamento conjugal* (Monografia). Faculdade de Ciências da Saúde Garça.
- SILVA, C. G., PAIVA, V. e PARKER, R. (2013). Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface (Botucatu)*, 17(44), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100009>
- SILVA, M. A. R. B. e SANCHES, M. (2014). Não desista de ser feliz: Um ensaio sobre a permanência de mulheres em relacionamentos com homens violentos. *Caderno teológico da pucpr*, 2(1), 113-134. <https://docplayer.com.br/17257673-Nao-desista-de-ser-feliz-um-ensaio-sobre-a-permanencia-de-mulheres-em-relacionamentos-com-homens-violentos.html>
- SOPHIA, E. C., TAVARES, H. e ZILBERMAN, M. L. (2007). Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 29(1), 55-62. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000003>
- SOUZA, P. A. e DA ROS, M. A. (2006). Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. *Revista de Ciências Humanas, EDUFSC*, (40), 509-527. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17670>
- SPINK, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- TRUNINGER, E. (1971). Marital violence: the legal solutions. *Hastings Law Journal*, 23, 259-276. https://repository.uchastings.edu/hastings_law_journal/vol23/iss1/11/